

Unidos no Roçado – vidas entrelaçadas em saudade e samba¹

Beatriz JUCÁ²

Ronaldo SALGADO³

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

Um grupo de agricultores pinta o rosto com carvão e se arma de marchinhas de carnaval para desbravar um abismo social que divide o campo e a cidade. *Unidos no Roçado – vidas entrelaçadas em saudade e samba* é um livro-reportagem que mergulha na rotina, trajetória, relações e memória dos moradores de uma comunidade de Várzea Alegre, interior do Ceará, para contar essa história. Mais do que isso: procura entender a tessitura cultural que dá vida à Escola de Samba Unidos do Roçado de Dentro. A narrativa passeia por cenários, personagens, cenas, reflexões, pesquisas e memórias. Neste ensaio, uma breve contextualização sobre o processo de produção do livro-reportagem e os caminhos do jornalismo a partir da vivência.

PALAVRAS-CHAVE: escola de samba; jornalismo literário; livro-reportagem; memória.

1 INTRODUÇÃO

Da enigmática teia de acontecimentos que se entrelaçam ao longo da vida, muitas são as lembranças que, inexplicavelmente, nos ocupam o primeiro plano. Mesmo aquelas que surgem aparentemente desconexas, em forma de lapsos, só nos iluminam a mente porque – de alguma forma – nos marcaram. A memória, em transformação constante, é moldada nos nossos aprendizados e nas percepções e, por isso, ao ser traduzida em narrativas, diz tanto sobre nós mesmos. As memórias, sejam as de traços bem desenhados ou as de silhuetas disformes, reproduzem grande parte do que somos e, na ânsia de dar sentido à vida, emaranham-se na tentativa de desvendar uma complexa rede de porquês.

O livro-reportagem *Unidos no Roçado* nasceu de uma memória afetiva minha e foi ganhando forma nas lembranças de muitos outros que, com delicadeza, me escancararam as portas da alma. Nos últimos meses em que meu avô Chiquinho de Louso passou neste mundo, ele me escolheu para contar suas memórias. As palavras dele não se contentavam em apenas contar histórias ou descrever cenas, mas procuravam dar sentido a uma vida que chegava ao fim. E foi meu avô o primeiro a me ensinar que memória e narrativa andam

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade livro-reportagem.

² Recém-graduada no curso de Comunicação Social – Jornalismo – UFC, e-mail: beatrizjuca@gmail.com.

³ Orientador do trabalho realizado na disciplina de Projeto Experimental. Professor mestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo – UFC, e-mail: pintiar@uol.com.br

juntas para contextualizar os acontecimentos, para ajudar a compreender o mundo que nos cerca. Na confiança dele, me vi jornalista. E, em agradecimento, decidi reportar a história de uma de suas maiores paixões: a Escola de Samba Unidos do Roçado de Dentro (Esurd), na qual desfilou por mais de 30 anos.

A Esurd nasceu para dar sentido a uma comunidade agrícola cuja autoestima foi podada a golpes de enxada durante muitos anos. Hoje, emerge das imbricações entre as culturas popular e massiva, com tensões amenizadas, para sobreviver ao tempo. É importante porque, no meio de uma série de negociações culturais, aprendeu a moldar-se para integrar os diferentes. A Esurd veio para destacar o pobre, o agricultor, o subalterno. Consegue misturar os grandes e os pequenos porque está calcada em uma festa contraditória e subversiva chamada carnaval. *Unidos no Roçado* é um relato jornalístico preocupado em captar as realidades, os contextos e as memórias que envolvem esta escola de samba criada por agricultores do sítio Roçado de Dentro, em Várzea Alegre, interior do Ceará.

Os capítulos do livro-reportagem, desenvolvido na disciplina de Projeto Experimental, estão divididos levando-se em conta os momentos históricos cruciais ao desenvolvimento da Esurd e as questões que os contextualizam. Podem ser lidos aleatoriamente sem prejuízos e, juntos, se propõem a perfilar a Escola de Samba Unidos do Roçado de Dentro através de entrevistas, reportagens, crônicas, depoimentos, perfis e fotografias. O olhar impresso nas páginas de *Unidos no Roçado* é flutuante. Passeia por cenários, personagens, cenas, reflexões, pesquisas, memórias. Passeia por dentro de outros e de mim mesma para trazer à tona as realidades interiores que engrandecem o Jornalismo.

2 OBJETIVO

Unidos no Roçado é uma reportagem preocupada em revelar e compreender as relações sociais e culturais do sítio Roçado de Dentro. Utiliza técnicas jornalísticas e recursos da literatura para entender elementos do cotidiano, apresentando ao leitor a tessitura da vida em comunidade e trazendo à tona suas complexidades. Busca retratar a rotina, a história de vida dos personagens e as problemáticas que envolvem a localidade do Roçado de Dentro. O livro-reportagem também busca registrar o sensível e revelar o lado afetivo de agricultores que, por integrarem a base da pirâmide, encontram na expressão cultural uma forma de inverter os atores e misturar as classes sociais. De dar sentido à sua existência. Através da apuração em profundidade, procura-se abordar a importância da Escola de Samba Unidos do Roçado de Dentro para o cenário sociocultural de Várzea Alegre, trazendo à tona reflexões sobre o papel dos meios de comunicação de massa para as

mudanças na manifestação cultural coletiva e sobre as influências das transformações dos costumes na configuração da escola de samba.

3 JUSTIFICATIVA

Segundo Roland Barthes, a função de toda gaveta é suavizar a morte dos objetos, fazendo-os passar por um lugar piedoso na esperança de mantê-los vivos. Ir até o Roçado de Dentro é entrar em uma gaveta e, apesar do paradoxo que pode parecer, ver elementos semióticos se moldarem para manter as tradições. Foram modificados os ritmos, as manifestações, os costumes, as pessoas e as crenças, mas a essência dos valores se mantém. A história pode ser contada por qualquer morador do sítio. Desde cedo, as crianças aprendem o dever de contar os caminhos que levaram à Escola de Samba Unidos do Roçado para preservar as conquistas dos antecedentes. E assim a memória os faz percorrer diariamente as estradas de terra batida para revelar que, no carnaval de 1963, um grupo de doze agricultores saiu pelas ruelas entoando marchinhas de carnaval que ouviam pelos dois únicos rádios a pilha do sítio. Gesticulam para explicar que, naquele tempo, seus antepassados ponderaram seguir com o chamado *Bloco dos Sujos* até a cidade por medo da reação da Sociedade, que, dita como substantivo próprio, desenhava um corpo ao qual os agricultores não pertenciam. Com a bebida em local estratégico, os homens do campo pintaram os rostos de carvão e desbravaram o abismo social. Enquanto ninguém esperava que matuto fizesse carnaval, eles ousaram e, na ânsia de serem aceitos, desenvolveram um processo cultural que acabou por remodelar a identidade de toda a cidade.

Pelo menos uma vez por ano, os agricultores do Roçado estampam os noticiários para lembrar que a existência deles, tantas vezes esquecida no oco no mundo, faz a diferença. Então erguem instrumentos e percorrem longos trajetos em um espetáculo que, mais do que pela estética, encanta pelo incentivo do pai, do avô, do tio. Daqueles que venceram a seca e o preconceito para apresentar a comunidade ao mundo e, por isso, são verdadeiros heróis. Assim, os moradores do Roçado foram exercitando as batidas e descobrindo os mais diferentes ritmos. Criaram conjuntos de forró, blocos de frevo e uma escola de samba que, apesar do surgimento atrelado a um modelo vendido pelos meios de comunicação de massa, é a responsável por preservar as tradições populares da região. Se o instrumento dota a comunidade de sentido, é o carnaval que reinventa as manifestações para entrecruzar as gerações e alcançar um equilíbrio entre o tradicional e o moderno.

De 1963 até a década de 1980, era só um bloco de frevo. A incorporação do samba foi parte de um claro processo de negociação cultural entre comunidades urbana e rural. Em

contato com as escolas de samba de São Paulo por conta do êxodo comum naquela época, pessoas da zona urbana ofereceram instrumentos musicais aos moradores do Roçado, sugerindo abertamente que a comunidade criasse uma escola de samba. Mesmo com alguma restrição, o grupo acabou trocando o frevo pelo novo ritmo. Exposta pelo tempo, a tradição do Roçado resiste porque soube acomodar as marcas impostas pela modernidade. Outros elementos, além do samba, também foram incorporados e adaptados às manifestações populares da comunidade e da cidade. A identidade sendo conflituosamente negociada para remodelar a cultura local em um conceito abrangente, proposto pelo pesquisador Stuart Hall (2003), que a identifica como todas as coisas que um povo faz ou fez. As alternativas desenvolvidas com o intuito de transformar um movimento popular embrionário em tradição cultural e socialização têm fundamento teórico. Deixe-me, então, pousar brevemente os olhos nos escritos de alguns pesquisadores para explicar melhor o processo observado em Várzea Alegre.

Ao estudar convergências e choques no contato de diferentes culturas, o antropólogo argentino Canclini (2008) chega ao conceito de *hibridismo*, que determina uma espécie de prática cultural desenvolvida a partir da interação entre grupos populares tradicionais, elites e indústria cultural. Canclini observa a possibilidade de as sofisticadas ações culturais advindas dos meios de comunicação coexistirem, naturalmente, com a cultura tradicional. A mudança na maneira de ver o processo de formulação das tradições populares através dessa interação entre o tradicional e o massivo não ésignifica uma forma de perder a autenticidade, mas a relação permite novas práticas. Do velho, cria-se o novo. E do novo, o velho é mais uma vez refeito. Essas reformulações são frutos de uma negociação de identidade que Canclini (2008) aborda com cuidado, já que os novos elementos são incorporados com o intuito de atualizar uma percepção endógena dos atores da nova cultura que está sendo ainda desenhada.

O estudioso colombiano Jesús Martín-Barbero (2001) compartilha o pensamento de Canclini e ressalta que os grupos populares não absorvem integralmente os modelos vendidos pela indústria cultural, mas utilizam parte dos elementos em novos processos de produção de sentido. São as lembranças coletivas que explicam uma comunidade. Somente a manutenção de rituais e símbolos tradicionais, endossando o conhecimento transmitido pelas narrativas populares, é capaz de perpetuar a memória e, assim, garantir a integridade da identidade. Tendo percebido isso, Barbero (2001) aplica, no livro *Dos Meios às Mediações*, o conceito de Frente Cultural desenvolvido pelo professor mexicano Jorge González. Trata-se da visualização de um espaço de encontro entre diversas classes sociais

que compartilham significantes e lutam por e a partir de significados diferentes para dotar uma prática cultural de sentido. Determinados valores são ressaltados em virtude de um processo de legitimação cultural pela socialização. Dessa forma, o carnaval no Roçado não se desenvolve mergulhado à degradação do tradicional pelo massivo, mas utiliza elementos culturais herdados do centro do País para integrar o urbano e o rural. Apesar da aceitação do primeiro desfile, o movimento, por si só, naturalmente não eliminaria o caráter opressivo entre classes sociais imersas a dominações centenárias. A solução foi percorrer vias intermediárias de negociação.

Feita essa reflexão, senti que era preciso registrar. A riqueza das relações sociais do Roçado, a filosofia intrínseca na história de vida dos agricultores daquela localidade e as adaptações culturais envolvidas na busca de manter as manifestações da Esurd me fascinaram. O trabalho acadêmico ou a imprensa convencional, sozinhos, não contemplariam a gama de elementos identificados na comunidade do Roçado de Dentro. Encontrei no livro-reportagem - com suas liberdades de pauta, captação e linguagem – o formato para dar vazão a um conteúdo que transpõe, além da análise sobre o desenvolvimento estético daquela manifestação cultural, as relações familiares, as histórias de vida e o significado construído pelas próprias pessoas que vivem ou viveram em algum momento o processo. A ideia era produzir uma reportagem de imersão e, para alcançar esse objetivo, foi preciso pesquisar, conversar, observar, refletir, mas, principalmente, viver o tema escolhido.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A busca por uma maior compreensão social dos acontecimentos atrelada à fuga das amarras das redações tradicionais tem feito com que vários repórteres se debrucem sobre conceitos e práticas de jornalismo literário. O gênero, cujas origens estão no *New Journalism* americano, abrange narrativas em que são utilizadas técnicas jornalísticas e recursos da literatura para proporcionar visões amplas e multiangulares da realidade. Nesse contexto, *Unidos no Roçado* passeia por estratégias textuais e técnicas de apuração através das quais jornalismo e literatura dialogam. Trata-se de elementos como a reconstrução da história cena a cena, o registro de diálogos, a apresentação das cenas sob a ótica de diversos personagens e o registro de hábitos, roupas, gestos e outras características psicológicas e simbólicas dos personagens. Sobre esse último ponto, Felipe Pena (2005) pondera que o detalhamento do ambiente e dos costumes só farão sentido se o repórter souber lidar com os símbolos, atribuindo a eles os seus respectivos significados. Eis um dos desafios

enfrentados durante a captação das informações para a produção deste livro-reportagem: tentar perceber a realidade interior e imaginária das fontes.

Agora, a questão é abrir os olhos para a visão mais completa da realidade e propor ao leitor, através da reportagem, uma leitura abrangente dos acontecimentos, das situações e dos personagens, imersos nesse universo complexo onde o real concreto e o imaginário – este talvez apenas um real menos denso e mais sutil do que aquele, pelo menos no nível simbólico – interpenetram-se, combinam-se. (LIMA, 1995, p.80)

O livro-reportagem *Unidos no Roçado* tem a pretensão de entender a Esurd sob várias nuances, levando em consideração o comportamento e a produção de sentido dos personagens que fazem parte da história da escola de samba. A apuração se utilizou então de uma abordagem etnográfica, definida por Lago (2007, p. 49) como “uma descrição densa de determinada cultura, a quem tem acesso o antropólogo a partir de um intenso contato com essa cultura, feito em um tipo de trabalho de campo que, por sua vez, tem a observação participante como norteadora”. Trata-se de explicar compreender o tema através de observação, análise de documentos, entrevistas em profundidade e vivência dos desfiles e da própria vida cotidiana da comunidade. Como defende Lago (2007), através de uma citação do etnógrafo Laplantine, o estudo etnográfico não se trata de uma mera coleta de dados, mas do estudioso impregnar-se nos ideais e angústias de uma comunidade para retratá-la. Ao que é endossado por Felipe Pena (2006), quando diz que “é preciso viver as reportagens para retratá-las”. Para a produção de *Unidos no Roçado*, a autora decidiu morar uma semana no sítio Roçado de Dentro, acompanhando moradores nas suas mais diversas atividades cotidianas: deste a retirada do leite pela manhã até o trabalho árduo da roça. Só assim foi possível compreender, de fato, os contextos da Esurd.

O formato livro-reportagem abriga um trabalho de imersão ao permitir que a temática seja deslocada do mero factual para ser interpretada e analisada. Lima (1995), no livro *Páginas Ampliadas*, justifica essa possibilidade:

Detectar esses conflitos, circunscrever seu sentido, antecipá-los no tempo, buscar suas raízes na interação sistêmica estrangulada são tarefas nobres da reportagem que se propõem a ultrapassar a epiderme rasa dos fatos e penetrar no âmago das questões contundentes do nosso tempo, para proporcionar um conhecimento qualitativo da realidade ao homem contemporâneo. Essa missão escapa muitas vezes ao jornalismo cotidiano e ganha cada vez mais guarida no livro-reportagem. (LIMA, 1995, p.68)

A Esurd é pautada pelos jornais locais todos os anos, mas sempre no período de carnaval e com uma abordagem meramente factual. Fala-se basicamente da confecção das fantasias e da preparação ao desfile. Para o leitor, restam lacunas de uma história complexa e transformadora que passa despercebida aos olhos da mídia tradicional. O livro-reportagem

aparece, então, como alternativa para ir além desse tipo de cobertura. O formato, conforme Lima (1995), tem função aparente de informar e orientar em profundidade, oferecendo ao leitor um quadro da contemporaneidade capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo. “De tal modo que a profundidade pode se dar horizontalmente – sentido extensivo –, verticalmente – sentido intensivo – ou numa mescla de ambos” (Lima, 1995, p.25).

Além da busca constante por esses dois sentidos de aprofundamento, *Unidos no Roçado* contempla, ainda, a multiplicidade de linguagens e de gêneros jornalísticos, de maneira que a obra abriga a reportagem, a crônica, a entrevista, a fotografia. A informação é transposta não somente através do signo verbal, mas pela imagem. As fotografias impressas no livro não têm o objetivo de simplesmente acompanhar o texto, mas busca revelar situações e dados que não poderiam ser expressos em palavras.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Unidos no Roçado – vidas entrelaçadas em saudade e samba é um livro-reportagem composto por 180 páginas. São 52 fotografias distribuídas em oito capítulos que não só contam a história de vida dos moradores do Roçado de Dentro, mas procuram também compreender os contextos para o desenvolvimento das manifestações culturais da comunidade e da Escola de Samba Unidos do Roçado de Dentro. Os relatos e imagens do livro foram produzidos a partir do contato com a comunidade durante dois anos. Inicialmente, esse contato objetivava a produção de um documentário, que, embora ainda esteja em fase de finalização, rendeu onze horas de gravações que serviram de base para este livro. Depois, foram realizadas pesquisas sobre os estudos culturais para a elaboração de alguns trabalhos acadêmicos. O formato livro-reportagem apareceu como veículo capaz de comportar todo o material já captado e a apuração jornalística que foi realizada em seguida, durante seis meses, e cujo planejamento foi feito especialmente para a produção do livro. Além de entrevistas em profundidade, foram utilizadas técnicas da etnografia durante a pesquisa de campo. Ao longo de uma semana, a autora tentou vestir a pele dos moradores do Roçado de Dentro. Deixou os gravadores e as câmeras de lado para entender os personagens, para viver a rotina que contextualiza as manifestações culturais do Sítio. Ao lado, apenas uma espécie de diário de viagem, onde se anotava desde as inquietações diante dos limites éticos da repórter até as características, cenas e histórias dos personagens.

Durante a pesquisa de campo e mesmo o processo de escrita do livro-reportagem, foi possível passear pelos principais conteúdos vistos no curso de Jornalismo: a elaboração

da pauta, a discussão ética, o diálogo possível através das entrevistas em profundidade, o texto. Cada etapa passou por uma reflexão e, ao longo de todo o processo, muitas coisas ficaram de fora por conta da preocupação ética. Muitos questionamentos vieram à tona. Como contar vários lados da história sem ferir as pessoas? Como abordar o suicídio, marca história no Roçado de Dentro? Em que período da história da escola de samba cabe cada história de vida contada pelas pessoas? Durante toda a pesquisa, foram maturados os estudos de Edvaldo Pereira Lima, Sérgio Vilas Boas, Nilson Lage, Felipe Pena e Eduardo Belo. Os conceitos sobre o jornalismo em profundidade desenvolvido por esses autores, relacionados ao livro-reportagem ou ao jornalismo literário, dialogam a cada capítulo: seja na experimentação da linguagem em determinadas passagens ou de inovações nas próprias técnicas de apuração que deram origem aquele relato. São oito capítulos que, mais do que histórias, imprimem vida e sentimento.

O primeiro capítulo revela a relação dos agricultores do Roçado de Dentro com a música, mostrando que o som sempre foi marca presente no imaginário da comunidade. Através da história do personagem Chiquinho Menezes, conta as transformações pelas quais tem passado o cotidiano do homem do campo. Em determinado momento da narrativa, o texto abre espaço para a entrevista. A escolha de justifica porque as palavras de Chiquinho, tão carregadas de significados e filosofias, mereciam destaque para a tessitura do drama agrícola. Já o segundo capítulo procura apresentar como são os dias no Roçado de Dentro hoje, com base na vivência da própria autora na comunidade. Traz as histórias contadas nesse período e mostra as relações familiares e as crenças desses agricultores.

O terceiro capítulo conta como os moradores do Roçado criaram o *Bloco dos Sujos* para adentrar na cidade e procura analisar o que isso significou no sentido de resgatar a autoestima da comunidade. Apresenta também as reformulações semióticas que vieram a partir da ampliação do contato entre o urbano e o rural. O capítulo seguinte mostra como os agricultores incorporaram o samba à manifestação cultural e revela os processos de negociação entre agricultores e pessoas da cidade. Já o quinto capítulo analisa as influências dos meios de comunicação de massa para o desenvolvimento estético da Escola de Samba Unidos do Roçado de Dentro.

No capítulo *A Esurd por lupas invertidas*, a autora vira também personagem ao convidar o leitor para assistir a um desfile da escola de samba. Mostra a apresentação dos agricultores por vários ângulos, narrando o que vê por dentro e por fora da própria escola de samba. Para isso, utiliza da sinestesia para trazer à tona como a Esurd é percebida com a audição, a visão e o tato. O capítulo sete é dedicado às mulheres do Roçado. Mostra

histórias de agricultoras que nasceram para serem mães e, além de refletir sobre a condição feminina no sítio, traz as marcas da opressão de gênero vencida dentro da escola de samba. Já o oitavo capítulo conta a história de Pedro Souza e Mestre Tim, dois agricultores que, por terem sido os precursores da Esurd, são considerados heróis pela comunidade. Conta como as novas gerações se espelham nas antigas para seguir com as tradições.

Unidos no Roçado mostra que Chiquinho reverbera o som de instrumentos semi-mortos no armazém. Tonha guarda os anos em caixas para dar sentido à vida. Fransquinha observa os detalhes do mundo pela janela de casa. Mestre Tim e Pedro Souza grudam os olhos no ponto cego do mundo para revelar o além-óbvio. Quanto Bichinha sonha, tenta desenhar o rosto do pai sob as pálpebras. Todas essas vidas se unem no Roçado, ecoando saudade em samba.

6 CONSIDERAÇÕES

A grande reportagem, essência do Jornalismo, é um encontro. No instante em que os olhos do repórter encontram as pupilas do entrevistado é que, de fato, ela acontece. Predis põe de cumplicidade porque, ao repórter, o entrevistado confia a própria vida e, a ele, entrega a responsabilidade de traduzir, na página em branco, gestos, histórias, sentidos, momentos. Ao repórter, cabe lançar olhares longos e atentos sobre cada fonte. Olhares daqueles que se multiplicam e se modificam a cada piscadela para dar conta dos macro e microacontecimentos de uma determinada realidade.

Compreendendo o meu papel como jornalista, a primeira preocupação que me bateu à mente quando resolvi passar uma semana no Roçado de Dentro para conhecer internamente a comunidade foi sobre a melhor forma para conduzir a relação com as fontes. Como penetrar na vida das pessoas sem feri-las? Como controlar o cuidado para não prejudicar a apuração e, conseqüentemente, o retrato dessas pessoas? Até que ponto o envolvimento do repórter é saudável? Quando cheguei ao Roçado de Dentro, no dia 9 de janeiro de 2011, as dúvidas foram amenizadas pela forma como a própria comunidade me guiava pelas histórias e pelos caminhos do Roçado. Apesar disso, durante toda a semana que passei lá – e em todos os outros dias, nos quais segui vivendo a reportagem até que ela enfim se desprendesse de mim –, procurei responder a cada uma dessas perguntas mentalmente. Acabei fugindo da neutralidade porque não acredito que ela seja a verve do Jornalismo. Nós, repórteres, devemos sim perseguir a verdade e a objetividade, mesmo sabendo que ambas são inalcançáveis. Devemos buscá-las por uma questão ética e em respeito à pluralidade complexa que envolve a realidade. O que não podemos é olhar o

mundo de fora, quando fazemos parte dele e sabemos que, dentro de nós, ele reverbera de sentido. Ao leitor, devemos honestidade sempre.

A experiência prática de produção do livro-reportagem, entre todas as vivências e angústias que se entrelaçaram ao longo do caminho, foi fundamental para que eu refletisse sobre as possibilidades do Jornalismo e percebesse que, longe das redações convencionais, ele também têm papel fundamental para entender a vida em sociedade, compreender o mundo e buscar o sentido de nossas próprias ações. Esse pensamento ganha consistência através das palavras do jornalista Heródoto Barbero:

A missão do jornalismo também é contar histórias de seres humanos que possam contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e pacífica. Não é a de se enterrar na lama do sensacionalismo e divulgar apenas notícias ruins. [...] Investigar e contar histórias ajuda os cidadãos a entender o mundo que os cerca. O que poderia existir de mais compensador em uma profissão? (in BELKIN, 2007)

Acreditando na necessidade de reinventar o jornalismo, penso que a boa reportagem está mais relacionada ao envolvimento com a realidade e os contextos dos acontecimentos do que com a tentativa de manter distância das fontes. Creio que, na boa reportagem, pode-se ter mais credibilidade na informação emergida do envolvimento do repórter com o tema do que na pseudobjetividade vendida pela distância, pela teoria do não se emocionar. Tenho me convencido de que a realidade interior das pessoas engrandece as reportagens porque o real imaginário ajuda a juntar os pedaços, a compreender o status de vida. Para isso, penso que o repórter precisa enfiar os pés na pauta. Precisa viver o Jornalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBERO, Jesús Martin. **Dos Meios às Mediações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- BELKIN, Lisa (organização e edição). **Histórias do New York Times**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.
- BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CANCLINI, Nestor García. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 1995.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Edusp, 2008.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- LAGO, Cláudia e BENETTI, Márcia. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Editora Vozes, 2007.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**. São Paulo, Unicamp, 1995.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.